

Reprodução camponesa no território barrestivense: desafios e contradições no contexto do monocultivo do café

Cintya Oliveira Barbosa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: cintyaoliveirab@gmail.com

Anderson de Jesus Caires
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: anderson.n.switch@gmail.com

379

Palavras-chave: Monocultivo do café. Barra da Estiva. Resistência camponesa. Reprodução camponesa

INTRODUÇÃO

A terra é essencial para o campesinato, sendo um espaço de vida, trabalho e reprodução social. Este estudo examina os camponeses de Barra da Estiva, Bahia, focando nos impactos do monocultivo do café em suas práticas agrícolas e relações sociais, e nas estratégias que utilizam para manter a subsistência e autonomia. Com base em autores que versam sobre trabalho (MARX, 1996); Trabalho da classe camponesa bem como sua reprodução (MARTINS, 2010; SOUZA, 2019; OLIVEIRA, 2007) juntamente com a abordagem qualitativa (FLICK, 2004; MINAYO, 2012) a pesquisa busca mostrar que, embora o trabalho camponês seja vital para a reprodução social, ele é ameaçado pela lógica de maximização do lucro no capitalismo atual. A pesquisa enfatiza a necessidade de uma abordagem crítica que explore as contradições do desenvolvimento rural, destacando a resistência dos camponeses e sua luta pela autonomia em um contexto de exploração crescente. O objetivo é proporcionar uma compreensão mais profunda das realidades enfrentadas pelos trabalhadores rurais na Chapada Diamantina.

A importância da terra de trabalho, segundo Martins (2010), é fundamental para a existência do campesinato, tanto no Brasil quanto no mundo, especialmente para os camponeses de Barra da Estiva. Essa classe, de acordo com Oliveira (2007), se reproduz

Realização:



Apoio:



no campo brasileiro em meio às contradições do modo de produção capitalista, resistindo no campo, mas também se adaptando ao mercado e mudando seu modo de vida conforme o capital se desenvolve no território. Esse processo revela uma lógica que leva os camponeses a se sujeitar às demandas do mercado global. Esse mecanismo de sujeição da renda da terra está presente no território e explica a relação contraditória entre a reprodução e a sujeição camponesa no município.

Nossa pesquisa sustenta que a riqueza gerada pela produção de café é resultado do trabalho dos camponeses, e não apenas da terra. Embora o discurso do desenvolvimento sugira que esses trabalhadores sejam os principais beneficiados, na prática, o lucro é concentrado pelo capital. Os trabalhadores enfrentam empregos precários, mal remunerados e sem perspectivas de crescimento, além de riscos à saúde, como a exposição a produtos químicos. Sob a teoria marxiana, o controle da riqueza é vinculado ao controle da terra e dos meios de produção, beneficiando o capital em detrimento da sociedade local. A análise se concentra na sujeição da renda camponesa e no papel do Estado nesse processo, evidenciando a desvalorização e subordinação dos trabalhadores ao capital.

Nesse contexto, o Estado tem assegurado a sujeição da renda da terra camponesa por meio de subsídios e de legislações específicas que facilitam a captura da renda da terra pelo capital (comercial, industrial e financeiro) e, por outro lado, pela imposição do “pacote tecnológico” aos camponeses. Esse processo culmina com a própria submissão do Estado ao capital internacional, forjado sob parâmetros neoliberais, questão que se remete à condição dos países periféricos em relação aos países centrais, no âmbito da mundialização do capital (CHESNAIS, 2000 apud FREITAS, 2018, p.141).

A partir desta relação os camponeses produtores agrícolas perdem autonomia no campo, o que implica em uma dificuldade na sua reprodução, uma vez que a exploração do trabalho tira seu tempo e seu esforço a dedicar-se às suas atividades culturais de sobrevivência. Ou seja, sofrem o processo de transformação da terra de trabalho para a terra de negócio, conceito criado por José de Souza Martins (2010).

Apesar das observações das transformações ocorridas no campo, é importante destacar que os camponeses têm dificuldades de perceber o processo do desenvolvimento em sua totalidade e o percebem como forma de benefício a sociedade local, diante disso acabam sendo sujeitos às contradições do capital. É fundamental compreender que essa

Realização:



Apoio:



dialética dificulta as formas de reprodução camponesa, no entanto estas ainda buscam manter seu modo de vida, resistindo e não incorporando os valores da sociedade capitalista, através dos tempos.

METODOLOGIA

De acordo com Flick (2004), diferentes abordagens da pesquisa qualitativa conceituam de maneiras distintas como os sujeitos em estudo — suas experiências, ações e interações — se relacionam com o contexto em que são analisados, especialmente na compreensão de seu objeto de exame. Minayo (2012) acrescenta que a pesquisa qualitativa envolve termos estruturantes como experiência, vivência, senso comum e ação, e destaca a importância de compreender, interpretar e dialetizar. Compreender implica na empatia do pesquisador; interpretar pressupõe que a compreensão pode ocorrer sem interpretação, mas não o contrário; e dialetizar refere-se à troca de ideias na comunidade científica. Nas palavras de Minayo (2012):

Por ser constitutiva da existência humana, a experiência alimenta a reflexão e se expressa na linguagem. Mas, a linguagem não traz a experiência pura, pois vem organizada pelo sujeito por meio da reflexão e da interpretação num movimento em que o narrador e o vivido por si estão entranhados na e pela cultura, precedendo à narrativa e ao narrador. (MINAYO, 2012, p. 622).

Nessa conjuntura, os gestos de análise de dados em desenvolvimento baseiam-se em pesquisas no IBGE e na produção agrícola e estrutura fundiária pelo GeografAR, além de questionários discursivos aplicados online a trabalhadores camponeses de Barra da Estiva. A pesquisa busca investigar como a apropriação da riqueza gerada pelo trabalho e o controle sobre a terra e os meios de produção favorecem a concentração de riqueza, em detrimento da sociedade local. A análise se concentrará na sujeição da renda camponesa e no papel do Estado como facilitador desse processo, objetivando compreender as percepções dos trabalhadores sobre sua desvalorização e submissão ao capital, mapeando suas vivências e condições socioeconômicas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para iluminar as dinâmicas de sujeição da renda camponesa na Chapada Diamantina-BA, destacando as estratégias de

Realização:



Apoio:



resistência empregadas pelos trabalhadores rurais e as contradições decorrentes do processo de desenvolvimento rural. Para tanto, será realizado a seguinte questionário com os camponeses da área em estudo:

INVESTIGAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PRODUTORES DE CAFÉ EM BARRA DA ESTIVA
1. Qual é a sua ocupação atual no setor rural?
2. Você possui contrato de trabalho formal? Se sim, quais são as condições deste contrato?
3. Como você descreveria sua jornada de trabalho semanalmente?
4. Você recebe uma remuneração que considera justa? Como define "justa"?
5. Quais benefícios você obtém como trabalhador rural? (ex: vale-transporte, alimentação, férias, etc.)
6. Você sente que suas condições de trabalho são seguras? Por favor, explique.
7. Como você tem acesso a serviços de saúde e segurança no trabalho em sua área?
8. Você participa de associações ou sindicatos de trabalhadores rurais? Qual é a sua experiência com essas organizações?
9. Quais mudanças você gostaria de ver nas condições de trabalho rural em sua região?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, uma análise da realidade dos camponeses da Barra da Estiva revela um complexo entrelaçamento entre trabalho, terra e a lógica capitalista que permite a produção agrícola na Chapada Diamantina. A proposta de pesquisa busca não apenas mapear as condições de trabalho e as estratégias de resistência dos camponeses, mas também compreender como a sujeição da renda da terra se articula com as políticas do Estado e as demandas do mercado global. A transição da “terra de trabalho” para a “terra de negócio” exemplifica a transformação das relações sociais e produtivas, onde os camponeses, apesar de serem os verdadeiros produtores da riqueza, encontram-se desvalorizados e submetidos a condições de exploração.

Realização:



Apoio:



REFERÊNCIAS

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

FLICK, Uwe. Posturas teóricas. In: **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Uwe Flick; trad. Sandra Netz. - 2. ed. - Porto Alegre: Bookman, 2004, p. 33-44.

MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro III, volume III, tomo 2. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. Fiocruz, vol.17, n.3, 2012, Rio de Janeiro, p. 622.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: Labur edições, 2007.

SOUZA, Suzane Tosta, et al. **Renda da Terra: Conceito central para os estudos em geografia agrária**. Mundo do Trabalho: Revista Pegada, vol. 20. n.1, 2019.

Realização:



Apoio:

